

Pessimismo para 2003

Vicente Nunes e Mariana Ramos
Da equipe do **Correio**
Com Agência Folha

O presidente do Banco Central, Arminio Fraga, rebaixou sua previsão de crescimento da economia brasileira de 2% para 1,3% este ano. A reestimativa foi feita em Nova York, durante encontro promovido pelo banco de investimentos Goldman Sachs com a participação de 24 dos mais importantes analistas de mercado. É a terceira previsão oficial de crescimento da economia brasileira desde janeiro. Em 2001, o Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas produzidas no país) cresceu apenas 1,5%. Para um país que precisa criar milhares de empregos por ano, um crescimento econômico de 1% é muito baixo, inexpressivo.

Arminio exibiu aos analistas tabelas e gráficos indicando que o balanço de pagamentos e o fluxo de caixa do governo estão garantidos em 2002. Para 2003, primeiro ano de mandato do novo presidente, ele disse que as condições também serão favoráveis, desde que o próximo governo adote políticas monetária e fiscal responsáveis e mantenha com o Fundo Monetário Internacional (FMI), garantia de receitas no valor de US\$ 24 bilhões prometidas pelo Fundo para o próximo governo.

“É verdade que Fraga rebaixou a previsão de crescimento do PIB, mas é admirável que a economia brasileira ainda vá crescer em 2002, levando em consideração o corte abrupto do crédito privado verificado nos últimos meses”, disse o brasileiro Paulo Leme, vice-presidente do Goldman Sachs.

O pequeno crescimento previsto para 2002 é consequência da crise pela qual o Brasil está passando, tão aguda quanto à enfrentada pelo país entre junho e julho do ano passado, auge das incertezas criadas pelo racionamento de energia elétrica. O principais indicadores que medem a saúde da economia não estão bem e podem levar à recessão a economia no início do próximo governo. O quadro sombrio foi traçado pelo Comitê de Política Monetária (Copom) para justificar a manutenção, na semana passada, da taxa básica de juros, a Selic, em 18% ao ano. As perspectivas negativas — agravadas pelo forte aumento dos juros ao consumidor — deverão perdurar até o fim de 2003.

O crescimento medíocre esperado para este ano vem se delineando desde maio último, quando o mercado financeiro foi sacudido pela desconfiança em relação ao país e pelas incertezas eleitorais. Os números são preocupantes. Pelas contas do Copom, a inflação deste ano ficará quase um ponto percentual acima do teto da meta, de 5,5%, fixado pela equipe econômica.

O mais preocupante é que o aumento de preços, combinado à estagnação da economia, está minando a confiança dos consumidores e dos empresários. Pesquisas da Confe-

deração Nacional da Indústria (CNI) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostram que o índice de confiança dos industriais está em 48,5 pontos, o mais baixo patamar em um ano. Já a Federação do Comércio de São Paulo constatou que, neste mês, o Índice de Intenção do Consumidor de fazer compras recuou 5,5%.

O Copom constatou, ainda, que a atividade industrial está se desacelerando em um ritmo muito veloz. As empresas estão operando com a mesma capacidade de produção de junho de 2001. Apenas no bimestre maio/junho, a produção de bens duráveis e de bens de capital (máquinas e equipamentos) encolheu, respectivamente, 6,6% e 3,6%, quando comparada aos quatro meses anteriores. Ainda assim, os estoques no varejo aumentaram. Sobre o pátio das montadoras, cujas vendas recuaram 9,6% em julho.

Nas lojas de carros da W3 Norte, o fraco movimento reforçava as estatísticas. Nada de clientes interessados em fechar negócios. Entre os que se arriscaram a ir às revendedoras, a maioria queria vender seus veículos. “Tem muita gente querendo passar o carro à frente porque não consegue pagar as prestações”, explicou Vicente Vieira, dono da Vicente Veículos.

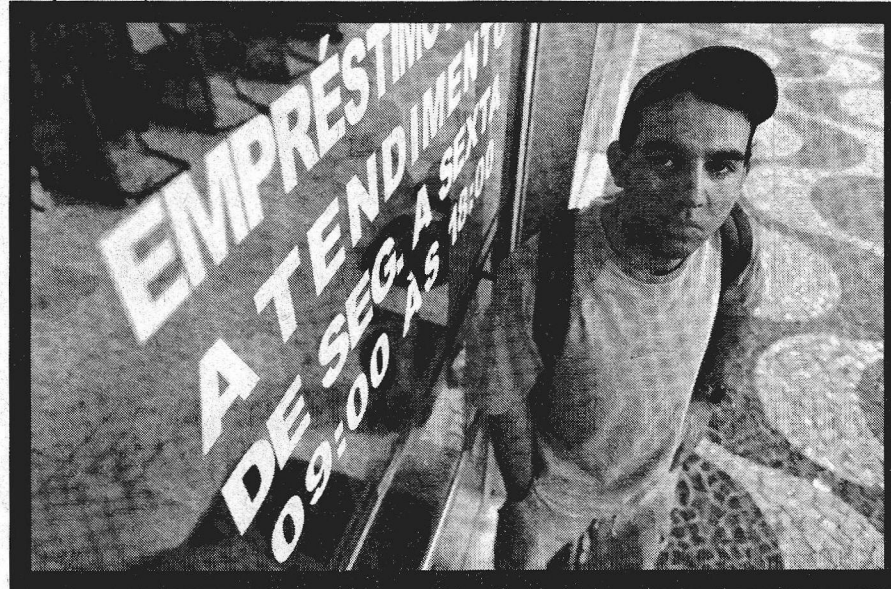
CRÉDITO CURTO

O chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, deu outra informação desalentadora para o setor automotivo: o volume de financiamentos concedidos em julho diminuiu 12,6% em relação ao mês anterior. No acumulado do ano, a procura por crédito para a compra do carro novo encolheu 28%. Mas, independentemente da queda nas vendas, as empresas que financiam automóveis aumentaram os juros. Em julho, as taxas médias atingiram 50,4% ao ano, 13,3 pontos percentuais acima dos juros cobrados em abril.

Com os rendimentos mensais achatados, o salga-deiro Klayton de Jesus Lima, 21 anos, está desesperado. Os R\$ 450 que ganha por mês não estão sendo suficientes para pagar todas as contas. Ele já acumula uma dívida de R\$ 300 com a família e com o cartão de crédito. Ontem, foi a uma financeira tentar um empréstimo. Mas não conseguiu. “A empresa só empresta para quem tem cheque. Mas vou tentar outras instituições”, afirmou. “Aceito pagar juros de até 30% em quatro meses. E prometo não fazer mais dívidas.”

A professora Maria Aparecida da Cunha, 52, é mais realista e se recusa a pagar juros. Para comprar o microondas que desejava, pesquisou quatro lojas. O negócio foi fechado com aquela que dividiu o preço à vista, de R\$ 400, em três prestações sem nenhum encargo. “Vou deixar meu dinheiro rendendo no banco, onde está aplicado, e pagar as parcelas com folga”, disse. “O dinheiro está curto. Não dá para brincar.”

Fotos: Jefferson Rudy



KLAYTON DE JESUS: “ACEITO PAGAR JUROS DE ATÉ 30% EM QUATRO MESES”



MARIA APARECIDA: “O DINHEIRO ESTÁ CURTO. NÃO DÁ PARA BRINCAR”